

MASSUMI, Brian. 2014. What the animals can teach us about politics? Durham: Duke University Press. 135pp.

THIAGO ARAÚJO PINHO 

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

pinho.thiago@hotmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175063

O humanismo parece um traço óbvio e insistente, já que somos humanos e desse horizonte (transcendental) não existe fuga, muito menos redenção - ao menos é assim que a história é contada. Estaríamos presos em uma eterna malha interpretativa, subordinando tudo aos nossos olhos curiosos, como se o humano não fosse apenas uma espécie como outra qualquer, mas a própria possibilidade de sentido (a única possibilidade). Já o resto, aquilo que sobra da equação ontológica, de cadeiras até pássaros no céu, passando por carros, prédios, cães e gatos, é reduzido a uma simples carcaça de matéria sem forma, vagando por um mundo insignificante, apenas governado por Newton e suas leis mecânicas e frias. Como bem lembrou o filósofo Graham Harman (2017), ressoando o “Jamais Fomos Modernos” de Bruno Latour, esse modelo clássico de pensar apresenta uma ontologia dividida em duas partes: 50% reservada apenas aos humanos e 50% reservada a todo o resto. Ao humano foi dado o privilégio não apenas de possuir uma ontologia toda sua, o que já é uma conquista enorme, e uma vaidade fora do comum, como também um privilégio muito maior: definir os demais espaços ontológicos, tendo como referência seus próprios critérios. Até em religiões como o cristianismo, traços humanistas aparecem o tempo todo. O humano não é apenas apresentado como se fosse uma criatura qualquer, um simples organismo produzido por mãos divinas, mas algo de especial, muito mais nobre. Ao contrário dos animais, Adão foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:27), carregando um pouco do divino dentro de si, ao mesmo tempo que produz uma diferença ontológica intransponível. “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra” (Gênesis 1:26). Além disso, esse divino improvisado, esse pedaço de matéria celestial, foi produzido no sexto dia, coroando a criação, assim como recebeu o privilégio de nomear tudo aquilo que seus olhos eram capazes de ver, principalmente os animais que encontrava pelo caminho.

De qualquer forma, seja falando sobre cultura, linguagem, razão ou alma, seja pelo caminho secular dos cientistas, ou pela rota sagrada dos sacerdotes, tudo acaba se reduzindo a uma única vaidade, como diria Freud, a um único traço que nos separa da natureza e dos demais animais, o que muitas chamaram de *dualismo*. Apesar de interessante esse percurso dualista, essa aposta em repartir o mundo em dois, garantindo ao mesmo tempo uma certa sensação de conforto e conveniência ao humano, isso é tudo o que podemos oferecer? Estamos presos em um horizonte transcendental inescapável, acorrentados dentro de uma atmosfera humana, sem nunca conseguir escapar? Segundo Massumi, em seu “O que os animais podem nos ensinar sobre política?”, originalmente publicado em 2014, essa narrativa pode ter melhores contornos, inclusive mais convenientes aos novos tempos.

Para Massumi, o objetivo não é a busca por uma política que reflète sobre os animais, ao forçar a natureza dentro de um repertório humano qualquer, como aquele jurídico, por exemplo, mas uma política que brote do próprio fluxo da animalidade, movimento que lembra Badiou e sua *inestética*. Em outras palavras, o animal não deve ser considerado como um simples objeto de estudo dentro de alguma abordagem teórica, mas ao contrário. O ponto principal não é se a política nos ensina sobre os animais, o que já acontece em muitas áreas, como na antropologia, sociologia, etc, mas o que os animais, no próprio modo como vivem e organizam suas experiências, nos ensinam sobre a política, quais são os pontos de contato entre os mundos? Essa simples pergunta já coloca em risco qualquer fronteira insistente e pretensiosa entre os dois reinos (humano e animal), observando muito mais continuidades do que divergências. Massumi defende aquilo que Manuel Delanda, e autores como Graham Harman, chamaram de *ontologia plana*, um espaço indiferenciado de relações, em que o humano não desempenha nenhum papel de destaque, sendo apenas um instante dentro de uma moldura muito mais complexa e criativa, nada mais do que uma linha de força misturada a tantas outras linhas (INGOLD 2011).

No livro “Discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, Rousseau descreve o humano como uma criatura especial, única, apresentando uma característica que chamou de *perfectibilidade*. Segundo o autor, os humanos são os únicos capazes de ir além, de mudar padrões, de reconstruir fronteiras, ou seja, o humano seria o único capaz de criar, enquanto os animais, ao contrário, estariam presos em uma sequência mecânica de encontros, o que chamou de *instinto*. O exemplo dado por Rousseau é clássico, envolvendo nossos felinos domésticos. O gato é uma criatura fofa, alegre, mas incapaz de transbordar, de ir além, incapaz de redefinir seus padrões, como acontece com sua própria alimentação. Enquanto o humano apresenta uma plasticidade incrível, o gato estaria condenado, pela natureza, a manter o mesmo percurso, não importa as circunstâncias. Marx, em seu livro “O Capital”, também apresenta o humano com essa característica criativa, enquanto a aranha, ao contrário, nada mais seria do que uma máquina que reproduz as mesmas teias de sempre, sendo incapaz de ir além. Em outras palavras, para esses autores a natureza é sinônimo de rigidez, de instinto. O humano, ao contrário, seria o espaço da plasticidade, do criativo... da HISTÓRIA. Até mesmo hoje as ciências sociais, de uma forma

geral, apresentam um medo curioso de colocar os pés no campo biológico, justamente porque associam o reino natural a algo rígido e conservador. Existe, portanto, uma fronteira clara entre biologia x história, um limite que não deve ser cruzado, caso contrário correremos sérios riscos.

Massumi sugere um outro retrato, uma outra moldura muito mais ousada, principalmente ao seguir os passos dos autores vitalistas. No vitalismo, ou filosofia da vida, figuras como Espinosa, Nietzsche, Deleuze, Bergson, e muitos outros, entendem a realidade não baseada em alguma estrutura dual, presa em algum tipo de fronteira insistente, mas pelo contrário. O mundo existe enquanto um monismo, ou seja, a realidade inteira sendo governada por um mesmo fluxo de vida, não importa se estamos falando de humanos, animais ou rochas. Esse princípio vital é criativo, dinâmico, disperso, sendo definido basicamente como um movimento, um fluxo sem qualquer identidade fixa, essência, ou teleologia, mas apenas uma cadeia mutante de diferenças (relações). Isso significa que ser “criativo” não é uma propriedade de alguém, ou de um grupo, mas uma característica do próprio mundo, o que nos leva direto a um tipo interessante de ontologia. Como o próprio Massumi afirma (2014: p.18), existe uma “Spinozist lesson” para ser aprendida, um compromisso vitalista que deve ser firmado. Essa filosofia do processo, outro nome dado ao vitalismo, recentemente invadiu as fronteiras das ciências humanas, mudando bastante o modo como usamos nossa linguagem e experimentamos o mundo ao redor, quase como se a “morte do homem” em Foucault não fosse apenas uma expressão enigmática nas “palavras e as coisas”, mas uma profecia que foi finalmente concretizada.

Segundo Massumi, o instinto é um traço inevitável, presente em qualquer organismo vivo, sem dúvida, inclusive dentro de um modelo evolucionário, embora ele tenha uma característica muito mais flexível, não sendo uma carcaça transcendental rígida, um tipo de estrutura internalizada. Seguindo os conselhos de Bergson e sua “evolução criadora”, Massumi afirma que se o instinto fosse algo rígido, se fosse apenas uma grade fixa no corpo do animal, isso dificultaria a adaptação de qualquer espécie. A criatividade, portanto, não é o oposto do instintivo (natural), como imaginavam autores como Rousseau e Marx, mas o seu complemento inevitável. A espécie, na tentativa de alcançar uma adaptação, precisa ser flexível o bastante para redefinir experiências quase sempre inéditas e imprevisíveis. Essa é uma outra característica do vitalismo, a aposta em um mundo que excede, transborda, ultrapassa qualquer tipo de arranjo, critério ou matriz, forçando assim o indivíduo a reorganizar categorias e padrões. Esse mesmo indivíduo nada mais é do que uma extensão do próprio mundo, um prolongamento do modo como essa realidade o afeta, o transforma, sendo uma rede complexa de afecções. Em outras palavras, o próprio dualismo entre interno x externo, subjetivo x objetivo, não faz sentido. Como diria Deleuze (1991), o meu “eu”, a minha identidade, não é uma substância invariável que atravessa as contingências, mas acaba sendo um ponto de inflexão, o instante em que as linhas de força convergem, produzindo como efeito a rede infinita de encontros que chamamos de *vida*. Em outras palavras, a *identidade* é um breve momento, bem provisório, no interior de um fluxo

de diferenças, de relações que se desdobram em um ritmo imprevisível, quase como se o “eu”, “a estrutura”, “a sociedade”, fossem simples miragens produzidas pelo devir das coisas, quase como uma ilusão de ótica, o que em filosofia chamam de *propriedades emergentes*.

Segundo Massumi, “the very nature of instinct— and thus of animality itself— must be rethought [...]” (MASSUMI 2014: p.7). A brincadeira, principalmente entre os animais, deixa transparecer essa característica criativa da natureza, postura essa também compartilhada pelo antropólogo e linguista Gregory Bateson e pela filósofa Donna Haraway. Esse gesto lúdico “[...] is a vital gesture” (MASSUMI 2014: p.8), um traço criativo que os animais compartilham com a realidade como um todo. A vida, portanto, é avaliada não por um critério epistemológico, se verdadeiro ou falso, mas estético, e até pragmático, envolvendo a capacidade de criar, afetar e transformar.

Ao contrário de uma leitura tradicional do darwinismo, Massumi sugere algo além da pura sobrevivência e da adaptação como critérios. Ele propõe algo mais dinâmico, criativo, o que vai chamar de *metalinguagem*, conceito emprestado de Bateson. Ao agir dentro de uma metalinguagem, o animal não está simplesmente trancafiado em um presente eterno, apenas respondendo aos estímulos que brotam do mundo, mas consegue também interpretar e agir de uma maneira criativa e cênica (performática) diante das circunstâncias. O simples critério da sobrevivência não corresponde à percepção do animal, nem sequer leva a sério sua plasticidade constitutiva, tese que Donna Haraway, assim como Massumi, discordam. Ao invés da pergunta clássica “os animais se adaptam (reagem, lutam)?” Por que não perguntar se os animais brincam, criam, amam? É preciso, portanto, fugir da abordagem heideggeriana sobre a animalidade, aquela que insiste em enxergar cães, gatos, macacos e papagaios como *pobres de mundo*.

“When we humans say ‘this is play’ we are assuming our animality” (MASSUMI 2014: p.8), ou seja, o ponto de encontro entre humanos e animais, entre humanidade e natureza, é o terreno estético, nesse caso, a brincadeira, as trocas, os arranjos, os afetos. Como diz o próprio Massumi, “play instinctively belongs to the aesthetic dimension” (MASSUMI 2014: p.10). O “brincar” é um espaço de convergência, um ponto de inflexão, aquilo que supera o dualismo entre humano e animal, natureza e cultura. Isso significa que a brincadeira é o melhor exemplo desse espaço vitalista justamente porque não se submete a nenhuma cadeia fixa de relações, não sendo, portanto, algo instrumental, mas sempre um “a mais”, um excesso. Segundo o autor, a brincadeira “overspills instrumentality” (MASSUMI 2014: p.11), indo além de um simples compromisso entre meios e fins.

Assim como é possível perceber em vários teóricos vitalistas, existe um traço de agência naquilo que nos rodeia, assim como um aparato comunicativo sofisticado e criativo no corpo dos animais, o que leva Massumi a sugerir uma possível subjetividade reflexiva na natureza (MASSUMI 2014: p.14). Claro que esses termos, como *reflexão*, *subjetividade* e *semiótica*, tiveram que passar por um alargamento de fronteiras, tirando os contornos humanistas do centro. Por exemplo, ser um sujeito não implica mais a existência de uma identidade sólida e consciente de si mesma, mas um trabalho criativo de redefinição de

padrões, fronteiras e práticas. “[...] this immanent impetus toward creativity must be recognized as a mental power, with mentality defined in neo-Humean fashion in terms of the *capacity to surpass the given*” (MASSUMI 2014: p.17).

John B. Watson, criador do Behaviorismo clássico, criou alguns experimentos que pareciam descrever animais mecânicos, apenas respondendo a estímulos, dentro de um padrão previsível e administrável. Por outro lado, era possível observar que os ratos de Watson não viviam em um mundo espontâneo, cheio de estímulos, possibilidades, mas em um espaço controlado e artificial. Não é de se surpreender que Watson tenha observado animais mecânicos fazendo coisas mecânicas, já que ele induziu a pesquisa até alcançar esse ponto de completa insipidez. Para Massumi, ao contrário, o animal é um “self-expressive autonomy of vital creativity” (MASSUMI 2014: p.18). Deixar um rato dentro de um labirinto, preso em um circuito limitado de escolhas, além de estímulos reduzidos e administráveis, obviamente produzirá efeitos também limitados. Até mesmo humanos, dentro de um circuito parecido, produziriam também respostas sem graça e mecânicas. Quando submetidos a um espaço natural, a um fluxo espontâneo de trocas e informações, os animais mostram o que realmente são capazes de fazer.

Esse mundo vitalista de Massumi, esse espaço compartilhado de encontros, no sentido de Espinosa e sua teoria dos afetos, é também um universo estético, lúdico, onde as coisas parecem participar de um palco de dramatizações (MASSUMI 2014). A natureza é performática, criativa, como o próprio Darwin tinha sugerido, embora muitos não lembrem dessa parte. Em um texto pouco conhecido, falando sobre minhocas e seus hábitos de vida (muito depois da publicação da *Origem das Espécies*), Darwin sugere que esses pequenos animais não apenas respondem a estímulos quando cavam seus buracos, mas são também criativos. Os buracos mudam de trajetória, tamanho e direcionamento, dependendo do modo como seu ambiente se organiza, dependendo de como a rede de afeções se configura ao redor desse minúsculo animal da terra.

Como um exemplo da carga vitalista nos escritos de Massumi, ele usa o termo “surplus-value of life” (MASSUMI 2014: p.13), uma *mais valia de vida*, um excesso, algo que transborda. Assim como no vitalismo, o mundo transborda qualquer matriz ou fronteira, qualquer arranjo rígido e transcendentalista. Ao dizer que existe um “surplus-value of life”, Massumi sugere o corpo do animal não como uma simples máquina cartesiana, nada mais do que uma substância extensa, mas como uma máquina desejante, no sentido dado por Deleuze, ou seja, um corpo aberto, dinâmico e criativo, um suporte que ultrapassa suas limitações e se abre para o futuro. Como diz o próprio Massumi, essa “immanent inventiveness, some give the name ‘desire’” (MASSUMI 2014: p.18), sendo um movimento aberto, sem qualquer objeto fixo e unilateral, como o próprio Freud tinha imaginado e que Deleuze recupera em seu anti-édipo. O fluxo desejante é descentrado, disperso, além de extremamente plástico, podendo ganhar várias tonalidades, a depender da forma como o mundo afeta (encontra) o organismo.

Ao ser criativo, ao ter consigo esse “surplus-value of life”, o animal consegue improvisar, consegue ir além de qualquer fronteira fixa, ao contrário do que imaginava Rousseau e Marx. O instinto não pode ser visto como alguma estrutura transcendental, alguma espécie de matriz embutida no corpo dos animais, como se apenas mecanicamente desencadeassem ações. O instinto, ao contrário, é criativo, é a capacidade não apenas de responder ao ambiente, mas de modificar seus contornos, quase como se fosse uma série de negociações. Por conta dessa característica, seria possível imaginar uma crítica à filósofa e bióloga norte-americana Donna Haraway. Segundo a autora de “When the species meet” (HARAWAY 2008), não existe abismo nenhum entre animais selvagens e aqueles de estimação, todos eles compartilhando de um mesmo vínculo, de uma mesma série de relações companheiras. Esse limite entre os dois, criticada por Haraway, pode ser vista em Deleuze, em seu livro “Mil Platôs”, caracterizando o lobo, animal selvagem, como um elemento que transborda, excede, enquanto o “cachorro de madame”, ao contrário, não teria essa mesma característica. Caso seja aplicado o argumento de Massumi, envolvendo a capacidade criativa dos animais como um efeito de um mundo inédito e surpreendente, a vida de um animal de estimação acabaria sendo muito limitada, dentro de um ambiente controlado, com regras e expectativas fixas, gerando um corpo sem muito “surplus-value of life”. Ou seja, se a energia criativa para Massumi, assim como para os vitalistas, não é uma propriedade de um indivíduo, mas uma característica do próprio mundo, em seu desenrolar diferencial, e surpreendente, um espaço doméstico, controlado e previsível, não acabaria interferindo na capacidade criativa do animal de estimação? Além disso, um cão (ou gato) seria realmente aceito se fosse um “surplus-value of life”, como um elemento que transborda e excede? Será mesmo um exagero por parte de Deleuze traçar não apenas uma fronteira, mas uma hierarquia, entre o lobo selvagem e o “cão de madame”? Estariam esses dois animais dentro de uma mesma ontologia “companheira” como sugere Haraway?

Segundo Massumi, “It is precisely the ‘somehow’ of this accomplishment of baby birds to frustrate the learned expectations of the scientist that needs to be retained and integrated into our notions of animality” (MASSUMI 2014: p.16) A frustração, ao ser um sinal de autonomia e criatividade, acaba também sendo uma outra crítica a Donna Haraway (2008), mas agora direcionada ao seu mundo cooperativo. Se a frustração existe, e a autonomia está vinculada a ela, ou seja, a capacidade de romper expectativas, limites, fronteiras, logo, a cooperação é colocada necessariamente em risco. Ou seja, o vínculo cooperativo não criaria uma nova série de constrangimentos e padrões, ao invés de uma abertura criativa? Ainda que seja importante, e até fundamental para o entendimento da natureza, a cooperação não seria um obstáculo a ser contornado? Ser criativo não indica também uma quebra das próprias expectativas geradas em um vínculo cooperativo? Entre a luta de todos contra todos de Hobbes e a cooperação horizontalizada de Donna Haraway, não existe, talvez, um local intermediário, um meio termo? Talvez o “surplus-value of life” seja justamente esse caminho do meio, ao questionar ambos os extremos. O conservadorismo ácido de Hobbes, de um lado, e o esquerdismo amistoso de Haraway, do

outro, podem abrir espaço para um novo entendimento sobre o modo como os animais se comportam. Massumi, com sua natureza viva, transbordante, consegue dialogar muito bem com toda uma tradição vitalista, produzindo assim um livro ativo, assim como transbordando de criatividade e de novos caminhos no campo da Teoria Social. É preciso, portanto, fugir da abordagem heideggeriana sobre a animalidade, aquela que insiste em enxergar leões, macacos e formigas como *pobres de mundo*. É preciso reduzir um pouco a pretensão humanista que ainda ronda nossos cursos de humanas e sociais, a nossa preciosa crença de que somos a medida de todas as coisas, a ponta do processo evolutivo. Em *What the animals can teach us about politics?*, Massumi nos oferece um pequeno, mas importante, incentivo nessa jornada despretensiosa.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles. (1991). *A dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papyrus.
- HARAWAY, Donna. (2008). *When Species Meet*. Minneapolis: Minnesota University Press.
- HARMAN, Graham. (2017). *Immaterialism: Objects and Social Theory*. Cambridge: Polity Press.
- INGOLD, Tim. (2011). *Being Alive: Essays on movement, knowledge, and description*. Abingdon, Ed. Routledge.
- LATOUR, Bruno. (1997). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
- MASSUMI, Brian. (2014). *What the animals can teach us about politics?* Durham: Duke University Press.
- MASSUMI, Brian. (2017). *O que os animais nos ensinam sobre a política?* São Paulo: Ubu.

sobre o autor

Thiago Araújo Pinho

É doutorando do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi pesquisador convidado na Sci-Arc (Southern California Institute of Architecture), sendo orientado pelo filósofo Graham Harman.

Recebido em: 23/09/2020

Aceito para publicação em: 22/12/2020